

## Subjetividade, invisibilidade, experiência e identidade de estudantes do Ensino Médio no Brasil: Estado do conhecimento

Subjectivity, invisibility, experience and identity of High School students in Brazil: State of knowledge

Subjetividad, invisibilidad, experiencia e identidad de estudiantes de Secundaria en Brasil: Estado del conocimiento

Recebido: 11/02/2025 | Revisado: 18/02/2025 | Aceitado: 18/02/2025 | Publicado: 22/02/2025

**Beatriz Pinto Viana**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8071-6408>  
Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, Brasil  
E-mail: [beatrizviana2323@gmail.com](mailto:beatrizviana2323@gmail.com)

**Viviane Inês Weschenfelder**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8410-4258>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
E-mail: [VWESCHENFELDER@unisinos.br](mailto:VWESCHENFELDER@unisinos.br)

### Resumo

Configurando cerca de um sexto da população brasileira, os jovens vem sendo uma preocupação recorrente para os acadêmicos desde o início do século XXI, em 2022, 12,7 milhões de pessoas entre 15 e 19 anos não estudavam e nem trabalhavam, é apontado que a principal causa para a evasão escolar seja o desinteresse pelos estudos. Sendo os jovens seres capazes de atribuir seus próprios sentidos e também uma classe dotada de diversidade é necessário olhar para as causas de tal desinteresse pelos estudos. O objetivo deste trabalho é olhar para as pluralidades das escritas acadêmicas sobre as juventudes, em especial, no contexto escolar, discorrendo sobre a subjetividade, a invisibilidade, a experiência e a identidade de estudantes do Ensino Médio. Para o desenvolvimento foram revisadas teses e dissertações produzidas por acadêmicos brasileiros. Os trabalhos revisados revelam o descontentamento dos jovens com algumas práticas comuns dentro da escola, como ideais conservadores que alguns professores tendem a tentar propagar, hegemonia, falta de reconhecimento das diferentes classes sociais em que estão inseridos os estudantes e sua consideração em atividades e avaliações. Alguns jovens relatam estar cursando o Ensino Médio apenas por obrigação ou para facilitar o processo de adesão ao mercado de trabalho, também não demonstram vontade de continuar a vida acadêmica por achar que as experiências negativas enfrentadas serão as mesmas. É reforçado a urgência de mudanças no modus operandi das escolas e a adoção de práticas mais inclusivas, democráticas e sensíveis às demandas das juventudes.

**Palavras-chave:** Estudantes; Vivência; Ensino e aprendizagem.

### Abstract

Accounting for about one-sixth of Brazil's population, young people have been a recurring concern for academics since the early 21st century. In 2022, 12.7 million individuals aged 15 to 19 were neither studying nor working, with the primary cause of school dropout being a lack of interest in studies. As individuals capable of assigning their own meanings and belonging to a diverse group, it is essential to examine the reasons behind this disengagement. The objective of this work is to examine the pluralities of academic writings on youth, particularly in the school context, discussing the subjectivity, invisibility, experience, and identity of high school students. The reviewed works reveal young people's dissatisfaction with common school practices, such as conservative ideals some teachers tend to propagate, hegemony, lack of recognition of the different social classes' students belong to, and their consideration in activities and evaluations. Some young people report attending high school only out of obligation or to facilitate entering the job market, with no desire to pursue further academic life due to the expectation that negative experiences will persist. The study emphasizes the urgent need for changes in schools' modus operandi and the adoption of more inclusive, democratic, and youth-sensitive practices.

**Keywords:** Students; Teaching and learning; Teenagers; Young adults.

### Resumen

Representando aproximadamente un sexto de la población brasileña, los jóvenes han sido una preocupación recurrente para los académicos desde principios del siglo XXI. En 2022, 12,7 millones de personas entre 15 y 19 años no estudiaban ni trabajaban, señalándose que la principal causa del abandono escolar es la falta de interés en los estudios. Como seres capaces de atribuir sus propios significados y pertenecientes a un grupo diverso, es esencial examinar las

causas de este desinterés. El objetivo de este trabajo es observar las pluralidades de los escritos académicos sobre las juventudes, en especial en el contexto escolar, discutiendo la subjetividad, la invisibilidad, la experiencia y la identidad de los estudiantes de educación media. Los trabajos revisados revelan el descontento de los jóvenes con algunas prácticas comunes en las escuelas, como ideales conservadores que algunos profesores tienden a propagar, la hegemonía, la falta de reconocimiento de las diferentes clases sociales a las que pertenecen los estudiantes y su consideración en actividades y evaluaciones. Algunos jóvenes informan que cursan la educación secundaria solo por obligación o para facilitar su ingreso al mercado laboral, sin deseos de continuar la vida académica debido a la expectativa de que las experiencias negativas persistirán. Se refuerza la urgencia de cambios en el modus operandi de las escuelas y la adopción de prácticas más inclusivas, democráticas y sensibles a las demandas de las juventudes.

**Palabras clave:** Estudiantes; Enseñanza y aprendizaje; Experiencia.

## 1. Introdução

Pessoas que possuem entre 14 e 24 anos, intervalo tradicionalmente associado aos jovens, constituem 17% da população brasileira, cerca de 34 milhões de pessoas, segundo o censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022. Conforme preceitua a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, conhecida como Estatuto da Juventude, a definição de jovens engloba as pessoas com idade entre 15 e 29 anos, dentre esse intervalo, 12,7 milhões de pessoas não estudam e nem trabalham oficialmente (IBGE, 2022), a evasão escolar, embora em queda no Brasil, ainda é uma grande preocupação, segundo Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social, 2022. a principal causa para a evasão é a falta de interesse em estudar, o que leva a questionar o que causa esse desinteresse entre os alunos.

Para Dayrell (2007, p. 1108), cabe questionar em que medida a escola ‘faz’ a juventude, privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambiguidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.

As juventudes são capazes de atribuir sentidos e significados às palavras, e não só como um ato de nomeação: “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação [...] não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório” (Larrosa, 2002, p. 20–21).

As juventudes são um grupo heterogêneo, com diferentes experiências, origens e perspectivas. Assim, essa juventude deve ser considerada “pelo fato de fazer parte da estrutura social, de formar um grupo, uma coletividade de sujeitos. Também é uma categoria social por fazer parte do imaginário social, como um símbolo” (Groppo, 2017, p. 13).

O termo “Juventudes” no plural passou a ser empregado desta forma, no plural, a partir dos anos 2000 para abranger as diferentes realidades socioculturais, econômicas e geográficas que influenciam o modo de ser e pensar jovem, representando, desta forma, a diversidade dentre as juventudes (Carrano, 2000; Abramovay & Castro, 2002; Abramo & Branco, 2005).

Partindo do pressuposto de que cada indivíduo tem uma visão de mundo, seus próprios valores, suas crenças, suas identidades, particularidades, experiências, vivências e subjetividades, o que integra o seu ser. Desta forma, falar em juventudes no contexto escolar requer um olhar atencioso para compreender as demandas sociais, culturais e econômicas em que os estudantes estão inseridos, uma vez que a identidade tem uma característica indissociável.

Desbravar o território das produções acadêmicas foi o caminho para visualizar como as pesquisas estão sendo desenvolvidas no campo acadêmico. Assim, optei por fazer um levantamento do estado do conhecimento produzido em duas bases de dados, por meio do sistema de informação da BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - e da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Embora o objetivo desta pesquisa não seja uma análise aprofundada da história das juventudes no processo de escolarização, é necessário, neste momento, traçar quadros de modo a ter uma visão geral sobre o assunto. Além disso, vale reafirmar a importância das pesquisas sobre a questão das juventudes relacionadas à subjetividade e à invisibilidade na modalidade Ensino Médio.

Ao percorrer os caminhos já trilhados nas fontes sobre as juventudes, constata-se que as produções acadêmicas têm despertado um amplo interesse entre a sociedade civil, professores, pesquisadores, governos, organizações civis e organismos internacionais. Essas produções trazem discussões sobre os jovens em diversos contextos, tais como protagonistas, excluídos do ensino básico, trabalhadores, consumidores, quilombolas, indígenas, imigrantes e migrantes. Abordam questões religiosas, cognitivas, culturais, de gênero, de mercado de trabalho, de projeto de vida, da Base Nacional Comum Curricular, entre outros temas, levando ao questionamento sobre o que ainda falta explorar nesse campo empírico, o que motiva o desenvolvimento desta pesquisa, através do levantamento de dados para elaborar um Estado-da-arte acerca da visão de instituições e professores acerca dos jovens e sua posição no ambiente escolar bem como a própria visão dos jovens sobre o ambiente escolar através de pesquisas produzidas nos cursos de Pós Graduação pelo Brasil, um cruzamento entre suas falas e as ideias produzidas sobre o tema da juventude, sem a pretensão de encontrar respostas definitivas sobre os sentidos de sua presença na atualidade. A pesquisa objetivou olhar para as pluralidades das escritas acadêmicas sobre as juventudes, em especial, no contexto escolar, discorrendo sobre a subjetividade, a invisibilidade, a experiência e a identidade de estudantes do Ensino Médio.

## **2. Metodologia**

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica (Snyder, 2021) de natureza quantitativa em relação ao número de documentos e qualitativa em relação à análise e discussões destes (Pereira et al., 2018) e, do tipo revisão integrativa (Mattos, 2015; Anima, 2014; Crossetti, 2012).

### **2.1 Descritores e Critérios de Busca**

As bases de dados utilizadas para a elaboração desta revisão foram dos sistemas de informações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e do Portal de Periódicos CAPES.

Foram buscadas produções realizadas entre os anos de 2012 e 2022, sendo assim, um período que compreende uma diversidade histórica de pensamento e que torna viável o mapeamento de dados. Nestes dez anos é possível contemplar movimentos da política educacional do Ensino Médio que fomentam a produção de pesquisas. Para haver uma organização no estado da arte, foi utilizado um arcabouço teórico por meio de descritores com a temática das juventudes e do Ensino Médio. A procura dos descritores ocorreu, primeiramente, com uma escolha cuidadosa na intenção de encontrar trabalhos que se aproximassem ao máximo do tema. Assim, optei por fazer o mapeamento com os trabalhos que responderam ao resultado no uso dos seguintes descritores: cartografia da juventude AND “ensino médio”; juventud\* AND “ensino médio” AND invisibilidade; juventud\* AND subjetividade AND “ensino médio”; identidad\* AND juventud\* AND “ensino médio”.

## **3. Resultados e Discussão**

Neste primeiro caminho, o filtro foi utilizado para alcançar apenas os programas de pós-graduação em Educação como critério de escolha. Ao adentrar a BDTD, foram encontradas 366 pesquisas e, com os filtros utilizados, localizei sete trabalhos, conforme o Quadro 1.

**Quadro 1** – Dissertações e teses selecionadas na BDTD.

Descritor	Total	Filtro	Dissertação	Tese
juventud* AND subjetividade AND “ensino médio”	289	31	0	0
identidad* AND juventud* AND “ensino médio”	66	7	4	1
cartografia da juventude AND “ensino médio”	9	3	1	0
juventud* AND “ensino médio” AND invisibilidade	2	2	1	1
<b>Total</b>	<b>366</b>	<b>43</b>	<b>6</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Ao recorrer à CAPES, foram encontrados 1.448 trabalhos. Ao utilizar os filtros de área de conhecimento, concentração e programa direcionados à Educação, o número foi reduzido para 338 trabalhos, sendo oito sobre subjetividade e identidade, conforme apresentado na Quadro 2.

**Quadro 2** – Dissertações e teses selecionadas na CAPES.

Descritor	Total	Filtro	Dissertação	Tese
cartografia da juventude AND “ensino médio”	530	87	2	2
identidad* AND juventud* AND “ensino médio”	466	33	1	1
juventud* AND subjetividade AND “ensino médio”	450	18	0	2
juventud* AND “ensino médio” AND invisibilidade	2	2	0	0
<b>Total</b>	<b>1.448</b>	<b>140</b>	<b>3</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

A juventude se modela a partir de uma construção social de seu tempo histórico (Pais, 1990). Por isso, há necessidade de referência à contemporaneidade a fim de compreender as demandas das juventudes dos tempos atuais. E quais são as demandas, os estímulos e a forma de ser e de querer ser que as juventudes almejam?

Segundo Pais (1990, p. 164), “dos contextos vivenciais ou quotidianos dos indivíduos fazem parte *crenças e representações sociais* que os jovens encontram sem que diretamente tenham tomado parte na sua elaboração”. As investigações procuram compreender as juventudes contemporâneas, em seu tempo e em seu espaço, para subsidiar os processos de aprendizagem. Mesmo com um campo vasto de pesquisas, há a necessidade de explorar um pouco mais esse território, trazendo a subjetividade e a invisibilidade das juventudes que ocupam o espaço escolar. Conforme o autor, “ainda há caminhos a serem percorridos e desvendados, assim como os mapas antigos que não servem mais para guiar, pois precisam ser atualizados ou até mesmo refeitos”.

Como ponto de partida para a identidade foram selecionadas oito dissertações e sete teses, apresentadas no Quadro 3.

**Quadro 3** – Dissertações selecionadas.

Título	Autoria	Orientador (A)	PPG	Ano	Banco
“Do lado de lá dos portões” - cartas e encontros: sofrimentos e hostilidade de jovens contemporâneos	Maria Beatriz Cunha Bertoja	Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto	UNILASALLE/RS	2012	BDTD
Que escola é essa? Narrativas sobre a escola pelos jovens alunos do Ensino Médio	Carla Gillyane Santos Nascimento	Prof. <sup>a</sup> Dra. Rosimeire Reis da Silva	UFAL/AL	2014	BDTD
Jovens alunos no Ensino Médio e suas relações com a sala de aula	Sérgio Augusto Gouveia Júnior	Prof. <sup>a</sup> Dra. Márcia Regina Canhoto de Lima	UNESP/SP	2015	CAPES

Tempos de diálogo: o olhar dos jovens sobre suas experiências no Ensino Médio integrado do IFRS	Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer	Prof. <sup>a</sup> Dra. Nilda Stecanela	UCS/RS	2016	CAPES
Juventudes em trânsito: experiências e modos de ver e ser no cotidiano escolar	Vanessa de Andrade Lira dos Santos	Prof. Dr. Mario Sérgio Ignácio Brum	UERJ/RJ	2017	CAPES
Juventude contemporânea e novas relações espaço/temporais: concepções dos estudantes do Ensino Médio sobre conhecimento e aprendizagem	Roberta Aparecida Uceda	Prof. <sup>a</sup> Dra. Viviane Kauss	UNISINOS/RS	2018	BDTD
Olhares juvenis para as escolas: gaiolas ou asas? Um estudo em Uberaba MG	Mônica Izilda da Silva	Prof. Dr. Daniel Fernando Bovolenta Ovigli	UFTM/MG	2019	BDTD
Juventude e Ensino Médio: a (re)significação do espaço escolar	Bruno Henrique da Silva	Prof. Dr. André Luiz Sena Mariano	UNIFAL/MG	2021	BDTD

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

De modo geral os trabalhos destacam a diversidade das juventudes, suas críticas ao modelo escolar tradicional e a necessidade de ressignificar a escola como um espaço de diálogo, autonomia e pertencimento. As pesquisas apontam para a importância de considerar as múltiplas realidades dos jovens, suas expectativas e desafios, a fim de construir práticas educacionais mais inclusivas e significativas. Temas mais bem apresentados a seguir:

Na pesquisa de Bertoja (2012, p. 15), a autora afirma que “falar de juventudes é falar de culturas, experiências socioculturais, é falar de multiplicidades, diferenciando-se ainda, da concepção de adolescência”. É apontado que as experiências dos jovens são marcadas pelo tempo edificado pela transitoriedade, pela multiplicidade e por atitudes deterministas, protestando contra os rótulos universais. Bertoja (2012) recebeu um relato de uma aluna onde dizia ter sido verbalmente agredida por uma professora apenas porque utilizava um *piercing* na língua, este e outros relatos expõem o conservadorismo ainda presente em muitos professores mais velhos pelo Brasil, além do desejo dos mesmos de impor seus valores as Juventudes, fatos esses que se afastam dos princípios da Educação Nacional, conforme Artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996).

Nascimento (2014) demonstra que as representações dos jovens destoam da concepção de escola moderna. Segundo a autora, não há um modelo de jovem adulto, e quanto “As Juventudes”, não é uma categoria universal, tampouco uniforme, mas versátil, heterogênea e plural. Para entender essas Juventudes, é necessário olhá-los além de uma dimensão biológica, legal ou cultural, uma vez que eles tecem seus próprios símbolos e significados, às vezes contraditórios, provisórios e mutáveis. A pesquisa oferece pistas sobre a pluralidade juvenil que existe na escola, mas que está na invisibilidade. Algo curioso nas observações de Nascimento (2014) é novamente a ideia de que As Juventudes tendem a ressignificar os espaços onde estão inseridos, não somente, mas principalmente as escolas e salas de aula, devido ao tempo que passam nos ambientes, quando não estão em aula tais espaços acabam se tornando espaços de socialização e estreitamento de laços, bem como a construção de amizades.

Gouveia Júnior (2015) constatou que os jovens gostam do que fazem em sala de aula e não deixariam de frequentar a escola, mas criticam o modelo escolar tradicional, que não reflete o seu futuro, assim como as regras e obrigações institucionais que os incomodam no espaço escolar. A pesquisa toca no tema da relação das juventudes com a sala de aula, e qual é a relação dos jovens com o ambiente escolar? De início o autor destaca que os jovens não foram nem de longe unânimes nas respostas à indagação sobre o que significa ser jovem, também ressalta que nenhum deles superou o conceito de “fase” da vida. Os alunos entrevistados também expõem um incômodo em comum, o fato de não serem respeitados e tratados “como crianças”. É também identificado pelo autor a percepção geral dos alunos de, segundo eles, a falta de relação dos aprendizados no ambiente escolar com o ambiente externo à escola, segundo eles, ainda, os conteúdos aprendidos possuem pouca

aplicabilidade.

Pellizzer (2016) busca responder como os jovens percebem e significam o diálogo na experiência do Ensino Médio, trabalho esse que foi realizado em um modelo diferente de escola, o Instituto Federal, onde os alunos integradamente ao Ensino Médio também cursam uma modalidade técnica. Por meio de grupos focais, as juventudes mostraram que têm muito a dizer sobre suas experiências escolares. Suas narrativas apontam que as culturas juvenis próprias de seu tempo e espaço os acompanham na experiência do Ensino Médio. A autora encontrou uma juventude interconectada, com receio de ficar sozinha. Contudo, novamente foi observada uma crítica ao currículo, ao desejar a interdisciplinaridade e o rompimento com as práticas escolares tradicionais, que não atendem às suas expectativas e diversidades.

O trabalho de Santos (2017) foi embasado nas indagações sobre os significados de ser jovem, as experiências cotidianas, a relação com a escola e sua perspectiva de futuro. A autora utilizou produções em sala de aula — colagens, desenhos, registros fotográficos e textuais — como fontes de reflexão, para pensar como os acontecimentos cotidianos ganham formas de ser e ver realidades tão distintas, e como as demandas inevitáveis desvirtuam os sentidos do aprender. Um ponto a ser ressaltado é a observação feita pela autora sobre como os alunos percebem o “ser jovem” inserido em sua respectiva classe social, comportamento esse que seria esperado para um jovem universitário, de certo modo, mais um fator a se considerar no momento de tentar traçar um “padrão” entre as juventudes, de encontro. Santos (2017) observa, também, a comum indignação entre os jovens entrevistados com o preconceito de terceiros quanto a eles, por variados motivos, como por questões acerca da sexualidade, raça, classe social, gênero, ou até mesmo por seu “ócio”, que são propagados por terceiros, familiares e, segundo relatado, policiais.

Outro estudo que, similarmente aos muitos encontrados, reflete as complexibilidades das juventudes contemporâneas e o ressignificado da escola é o de Uceda (2018). Para a autora, só será possível ressignificar a escola, quando concebermos os estudantes como participantes ativos e efetivos no processo de aprendizagem. Ela descreve que, a partir das escutas com os estudantes e profissionais, esse modelo de educação precisa superar a visão de disciplinarização e detenção do conhecimento. A escola precisa dar lugar ao aprender, ao pensar, ao instigar, ao criar, à autonomia. Considerando o encontro com as juventudes no grupo focal, alguns elementos são necessários para aprofundar a reflexão sobre a escola, sendo:

importante situar que muitas das análises e visões que apresentaram, evidenciam a complexibilidade e as contradições inerentes ao contexto escolar e à sociedade em geral, rompendo com a lógica cartesiana de análise, que remete às formas binárias, com sim ou não, isso ou aquilo. Também se sugere cuidado com as análises totalizantes que se relacionam com o fracasso da escola e com a desmotivação dos estudantes, merecendo atenção à complexidade embutida nestas análises. A visão catastrófica não foi reiterada pelos jovens (Uceda, 2018, p. 95).

Silva (2019) utiliza a história de vida como campo empírico para a sua análise. A autora debruça-se sobre a temática das juventudes e propõe um voo, com várias espécies de pássaros que utilizou para dar vozes e pseudônimos aos jovens pesquisados. Ela utilizou a potência do diálogo dos jovens que querem ser ouvidos quanto à sua visão de escola, sociedade, cultura juvenil, relações sociais, família e do mundo que os cerca. Silva (2019) faz a importante observação de que as percepções das Juventudes acerca do papel do Ensino Médio não são unânimes entre escolas, encontrando perfis que não enxergam o Ensino Médio como uma “etapa final” em sua vida acadêmica, pois, de certa forma sentem prazer em aprender e também, perfis de estudantes que enxergam a escola com uma importância mais imediata e objetiva, que os ajudará na obtenção de um emprego ou casa e afins, tais discursos, como identificado pela autora, refletem diretamente suas condições financeiras e classes sociais. De acordo com as observações Conceição e Zamora (2023), dentre os principais descontentamentos apontados pelos estudantes de Ensino Médio de classe baixa, está o pouco tempo disponível para descanso ou lazer, muitos são dependentes de transporte público para chegar até a escola, o que lhes toma muito tempo. É identificado também entre estes alunos a insatisfação com as exigências acadêmicas da instituição sem considerar suas diferenças sociais.

Mathias et al (2006) identificou entre seus alunos pesquisados a relação entre o pouco descanso e horários de sono irregulares e o baixo rendimento acadêmico, além de que, conforme o autor, a sonolência diurna, que também foi citada pelos alunos, é um fator de risco à saúde. Estes sentimentos apontados pelos alunos podem influenciar sua percepção sobre a vida acadêmica, os alunos expostos a tais dificuldades irão se sentir menos atraídos a dar continuidade nos seus estudos, entendendo que o futuro em uma sala de aula não será diferente, e serão mais atraídos a possibilidade de adentrar o mercado de trabalho.

Em sua pesquisa, Silva (2021) realiza suas análises a partir de um estudo etnográfico envolvendo sujeitos juvenis atuantes no espaço escolar em relação às suas vivências e experiências escolares. Ele observa e analisa essas vivências e experiências dos jovens para além dos limites da sala de aula, nos espaços intersticiais. A análise partiu da necessidade de entender como os jovens, inseridos num modelo escolar determinado e tradicional, passam a transformar seu cotidiano, (re)significando o espaço escolar e seu uso, a partir do processo de identificação e pertencimento. A partir de pesquisa etnográfica, o autor compreende que a expressão dos jovens em roda de conversas tem com a escola é de afeto, identidade e reconhecimento.

Já nas teses (Quadro 4), foram exploradas as questões de sentido que as juventudes atribuem aos espaços escolares, tema que de certa forma também foi explorado nas dissertações apresentadas anteriormente, se tratando de suas experiências jovens não é possível realizar tal separação, além de temas como a existência como participantes, à capacidade de fazer ou não sentido a modalidade Ensino Médio, ao processo de socialização, à interação do grupo, à experiência e às narrativas.

**Quadro 4** – Teses selecionadas.

Título	Autoria	Orientador(a)	PPG*	Ano	Banco
Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas	Maurício Perondi	Maria Stephanou	UFRGS/RS	2013	CAPES
Os sentidos da experiência escolar para jovens do Ensino Médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS	Vitor Schlickmann	Elisete Medianeira Tomazetti	UFSM/RS	2013	CAPES
Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos	Rita Cristine Basso Soares Severo	Elisabete Maria Garbin	UFRGS/RS	2014	CAPES
O sentido da escola para os jovens do Ensino Médio: um estudo na Escola Enedina Sampaio Melo	Crisolita Gonçalves dos Santos Costa	Gilmar Pereira da Silva	UFPA/PA	2017	CAPES
Jovens estudantes do Ensino Médio no município de Guanambi (BA): modos de ser e de viver a escola	Zizelda Lima Fernandes	Prof. <sup>a</sup> Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan	UNICAMP/SP	2017	CAPES
Juventudes em cena no cotidiano escolar: movimentos de (re)produção de silenciamentos, regulações de gênero, subversões e resistências	Ana Paula Leite Nascimento	Maria Helena Santana Cruz	UFS/SE	2019	BDTD
Juventudes do século XXI e o cotidiano do Ensino Médio no Rio Grande do Sul: por entre as dobras do Seminário Integrado	Cineri Fachin Moraes	Nilda Stecanela,	UCS/RS	2019	BDTD

\*PPG: Programa de Pós-graduação. Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Percebe-se que uma das coisas mais fascinantes e mais difíceis de subtrair é um conjunto de dados que totalizam e vem territorializando as forças que movimentam este tema. É importante ressaltar que as categorias de descritores escolhidas aparecem de modo relevante em diversos olhares de diferentes trabalhos acadêmicos.

Nos estudos de Perondi (2013), destaca-se as narrativas apresentadas apenas em dois eixos temporais que demarcam os jovens pesquisados. O primeiro é voltado aos sentidos do passado e se destaca pelos processos de identificação, crescimento

pessoal, superação de dificuldades e conflitos, relações intergeracionais e experiências profissionais. O segundo eixo apresenta os sentidos produzidos a partir dos grupos e das experiências em que essas juventudes estão inseridas. Nas narrativas, eles posicionam interesses e produzem desamarras nas naturalizações sobre o que pensam, e apresentam novos discursos, por vezes, silenciados no cotidiano institucional, que foram assertivos para o modo investigativo delineado. Além de pautas já identificadas por outros autores já apresentados até o momento, os jovens consultados por Perondi (2013) demonstram um interesse maior em processos horizontais de coordenação, conforme o autor este fato ressalta o comportamento dos jovens de não apenas assimilar e reproduzir valores e ideais hegemônicos como também produzir sua própria cultura, que por sua vez só é possível devido a coletividade experienciada pelos jovens no ambiente escolar.

Schlickmann (2013) visou compreender em que medida o jovem estabelece relações de sentido quanto à experiência escolar vivida no Ensino Médio, a partir da leitura de e-mails escritos por jovens de três escolas pesquisadas: duas públicas e uma privada. Para Schlickmann (2013), o Ensino Médio, por si só, não oferece sentido para os jovens. O autor identifica que a escola é apresentada também como fonte de socialização, porém o que prevalece quase que unânime entre os jovens é de que, a Escola é entendida como um processo contínuo e obrigatório de formação e preparo dos sujeitos sociais, como inserção no mercado de trabalho. Alguns estudantes citaram ter paixão pelos estudos, gostar muito de estudar; estas manifestações foram tímidas em relação à maioria, mas chamam a atenção e merecem um olhar mais atento. Diversas são também as críticas à forma de funcionamento da gestão da Escola que, segundo os alunos, é incoerente e excessivamente moralista, e, assim como anteriormente, é novamente identificado o desejo de participação nas tomadas de decisões por parte dos alunos.

Severo (2014) aborda as práticas vivenciadas pelos jovens no espaço escolar e os sentidos que tais sujeitos atribuem a elas e à própria escola, além das tensões da escola contemporânea. A autora aborda que “as diferentes dimensões da condição juvenil são mediatizadas e imbricadas pelas categorias de espaço e tempo” (Severo, 2014, p. 182).

Essas pesquisas foram selecionadas pelo fato de dialogarem com os conceitos de tempo, espaço, lugar e identidade. As juventudes tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção particular de significados. Para Dayrell (2007), a escola é um lugar com espaço privilegiado, palco da expressão da cultura juvenil, que elabora e reinventa os espaços, criando seus próprios sentidos.

Costa (2017) trata da relação juventude e escola, e parte da questão de compreender como ela vem se estabelecendo com os jovens do Ensino Médio de Igarapé-Miri/PA. A pesquisa apresenta a particularidade da vivência da vida juvenil no município selecionado, na qual as juventudes atribuem à escola o sentido de formação tanto para a vida quanto para o mercado de trabalho, ou para o ingresso no Ensino Superior. A autora afirma que a escola deve “assegurar a ampla formação, isto é, a formação integral do educando e preparar para o Ensino Superior, contrastando com o desejo do jovem de ser ‘formado’ para o trabalho imediato como condição de ter que ajudar na composição de renda familiar” (Costa, 2017, p. 8).

A tese de Fernandes (2017) é uma referência por tratar das relações de jovens estudantes de escola pública de Ensino Médio e como constroem a relação com a escola, a partir do território no qual estão inseridos — família, escola e sociedade. Um dos pontos fortes da pesquisa, marcado nas conclusões, é que a escola de Ensino Médio precisa (re)nascido a partir de um projeto coletivo que valorize a experiência da sociabilidade juvenil em sua dimensão educativa.

Corroborando com os estudos apresentados, Dayrell (2003) aponta que as imagens construídas sobre as juventudes interferem na maneira como os jovens são percebidos e compreendidos em sua incompletude com o tempo presente. Para o autor: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro (Dayrell, 2003, p. 41).

Existe outra visão romântica da juventude — a qual veio se cristalizando a partir dos anos de 1960 — que pode tudo; seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. Essa ideia de experimentações que marca

um período de hedonismo e irresponsabilidade faz com que se relativize a aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil. Todavia, não levam em conta que as juventudes constroem seus desejos e suas especificidades ao destacarem a produção de suas identidades. A partir do momento em que as juventudes constroem seus desejos e suas especificidades, suas subjetividades vão formando sentidos e significados.

Portanto, é necessário haver um rompimento na compreensão de que a 'juventude' apresenta um único modelo ou uma única representação dominante. É a partir da escola que as relações interpessoais podem impulsionar as trocas e a afetividade para estabelecer uma relação pacífica entre os indivíduos. Ela ainda tem como papel estabelecer o diálogo entre o saber científico e as expectativas das juventudes, para que as vivências escolares forneçam a base de conhecimento que não pode ser adquirido por outros espaços ou meios, que não seja a própria escola.

Nascimento (2019) propõe analisar o movimento de (re)produção de silenciamentos, invisibilidades e regulações de gênero; e de (re)produção de visibilidades, subversões e resistências das juventudes no cotidiano escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe. Os dados expõem indicadores das condições materiais e sociais a partir das quais as juventudes vivenciam a condição juvenil, marcados por cenas de vigilância, constrangimentos, invisibilidades, silenciamentos, preconceitos e repressões, perpassados pelo ideário conservador e viés moralizador, assim como observado por autores nas pesquisas apresentadas anteriormente. A pesquisa toca em temas relevantes a este trabalho: silenciamentos e invisibilidades.

Moraes (2019) investiga de que forma o Seminário Integrado tornou-se um espaço de articulação entre a experiência juvenil e a experiência escolar, possibilitando um enfrentamento da crise de sentidos do Ensino Médio. O percurso da investigação faz referência a uma mescla qualitativa e quantitativa, visando explorar o cenário do Ensino Médio, ancorada na sociologia da vida cotidiana, em que a autora procura traçar um caminho com olhares atentos aos trilhos, às vias, paradas e estações, apreciando as paisagens descritas e interpretadas. Na proposta do Seminário Integrado, ela percebeu que:

para alguns/algumas jovens estudantes, a pesquisa vivenciada na escola foi como um quadro verde com orientações escritas a giz, que, em seguida, foram apagadas tais quais tantas outras experiências escolares ou iniciativas políticas que se reduzem a pó. Outros, porém, experienciaram o Seminário Integrado com registros mais significativos e duradouros, com aprendizagens potencializadas e significadas pela pesquisa na escola. A experiência do Seminário Integrado provocou que alguns/algumas jovens se percebessem investigadores, passando a indagar o cotidiano pela curiosidade crítica viabilizada pela pesquisa. Essa experiência também fomentou reflexões e permitiu que alguns/algumas jovens assumissem participações ativas na escola e fora dela, principalmente no que se refere à relação pedagógica e às formas de ensinar e aprender (Moraes, 2019, p. 285).

Desta forma, foi possível considerar, ao longo desta pesquisa, que as diferentes dimensões da condição juvenil são mediatizadas e imbricadas pelas categorias de espaço e tempo.

#### **4. Considerações Finais**

Ao longo deste trabalho, foi possível constatar que as juventudes enfrentam uma série de desafios no ambiente escolar, muitos dos quais estão enraizados em preconceitos, invalidações e práticas conservadoras que ainda permeiam as instituições de ensino. As pesquisas analisadas evidenciam que os jovens são frequentemente submetidos a rótulos, estereótipos e práticas discriminatórias, seja por sua aparência, expressões culturais, identidade de gênero, orientação sexual, raça ou classe social. Essas situações não apenas desrespeitam suas individualidades, mas também contribuem para o desinteresse e a evasão escolar, reforçando a necessidade de uma transformação profunda no *modus operandi* das escolas e de seus funcionários.

As narrativas dos jovens revelam um profundo incômodo com a falta de respeito e a infantilização por parte de alguns

educadores, além da desconexão entre os conteúdos escolares e suas realidades cotidianas. A imposição de valores conservadores e a resistência à diversidade juvenil são fatores que afastam os estudantes dos princípios de uma educação inclusiva e democrática, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996). Além disso, as juventudes demonstram uma clara insatisfação com o modelo tradicional de ensino, que não dialoga com suas expectativas e necessidades. Eles criticam a rigidez curricular, a falta de interdisciplinaridade e a ausência de participação ativa nas decisões escolares. Como apontado por Uceda (2018), a escola precisa superar a visão disciplinar e centralizadora do conhecimento, abrindo espaço para a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico. A ressignificação da escola só será possível quando os jovens forem vistos como sujeitos ativos no processo educativo, capazes de contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e significativo. As pesquisas também destacam a importância de reconhecer a pluralidade das juventudes, que não podem ser reduzidas a um modelo único ou universal. Como afirmam Nascimento (2014) e Groppo (2017), as juventudes são heterogêneas, versáteis e plurais, tecendo seus próprios símbolos e significados a partir de suas experiências socioculturais. A escola, portanto, deve estar atenta a essa diversidade, promovendo práticas pedagógicas que valorizem as identidades e as subjetividades dos estudantes. Isso inclui a criação de espaços de diálogo, onde os jovens possam expressar suas opiniões, compartilhar suas vivências e participar ativamente da construção do conhecimento.

Outro aspecto relevante é a necessidade de considerar as condições materiais e sociais em que os jovens estão inseridos. Como observado por Conceição e Zamora (2023) e Mathias et al., (2006), muitos estudantes enfrentam dificuldades como a falta de tempo para descanso, a dependência de transporte público e as exigências acadêmicas que não levam em conta suas realidades. Esses fatores impactam diretamente seu desempenho e motivação, reforçando a importância de políticas públicas e práticas escolares que considerem as desigualdades sociais e promovam a equidade.

Por fim, é fundamental destacar que a escola deve ser um espaço de acolhimento, afeto e reconhecimento, onde os jovens possam se sentir pertencentes e valorizados. Como apontado por Silva (2021), a ressignificação do espaço escolar passa pela criação de vínculos afetivos e pela valorização das culturas juvenis. A escola precisa se reinventar como um ambiente que não apenas transmite conhecimentos, mas também promove a formação cidadã, o respeito à diversidade e a construção de projetos de vida significativos.

Este trabalho reforça a urgência de uma mudança no *modus operandi* das instituições escolares, que devem abandonar práticas conservadoras e excludentes para abraçar uma educação mais inclusiva, democrática e sensível às demandas das juventudes. Somente assim será possível construir uma escola que verdadeiramente prepare os jovens para os desafios do presente e do futuro, respeitando suas singularidades e promovendo seu desenvolvimento integral.

## Referências

- Abramo, H. W., & Branco, P. P. M. (2005). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. *São Paulo: Fundação Perseu Abramo*, 369-447.
- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2003). *Ensino médio: múltiplas vozes*. UNESCO.
- Anima. (2014). *Manual revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências*. Grupo Anima. [https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/manual\\_revisao\\_bibliografica-sistemica-integrativa.pdf](https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/manual_revisao_bibliografica-sistemica-integrativa.pdf)
- Bertoja, M. B. C. (2012). *“Do lado de lá dos portões” – cartas e encontros: sofrimento e hostilidade de jovens contemporâneos* [Master's thesis, Centro Universitário La Salle].
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)*.
- Brasil. (2013). Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Estatuto da Juventude*. Diário Oficial da União.
- Carrano, P. (2000). Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento: Revista de Educação*, 1, 11–27.
- Conceição, V. L. da, & Zamora, M. H. R. N. (2023). Desigualdade social na escola. *Estudos de Psicologia*, 32(4). <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/8319>

- Costa, C. G. dos S. (2017). *O sentido da escola para os jovens do Ensino Médio: um estudo na Escola Enedina Sampaio Melo* [Doctoral dissertation, Universidade Federal do Pará].
- Crossetti, M. G. M. (2012). Revisión integradora de la investigación en enfermería el rigor científico que se le exige. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(2), 8-9.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52. [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Dayrell, J. (2007). A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, 28(100), 1105-1128. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022>
- Fernandes, Z. L. (2017). *Jovens estudantes do Ensino Médio no município de Guanambi (BA): modos de ser e de viver a escola* [Doctoral dissertation, Universidade Estadual de Campinas].
- Gouveia Júnior, S. A. (2015). *Jovens alunos no Ensino Médio e suas relações com a sala de aula* [Master's thesis, Universidade Estadual Paulista].
- Grosso, L. A. (2017). *Introdução à sociologia da juventude*. Paco.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2022). *Censo 2022*.
- Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social. (2022). *Abandono e evasão escolar no Brasil*.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. (J. W. Galdi, Trad.). *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. janeiro/fevereiro/março/abril.
- Mathias, A., Sanchez, R. P., & Andrade, M. M. M. (2006). *Incentivar hábitos de sono adequados: um desafio para os educadores*. Núcleo de Ensino da Unesp.
- Mattos, P. C. (2015). Tipos de revisão de literatura. *UNESP*, 1-9. <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>
- Moraes, C. F. (2019). *Juventudes do século XXI e o cotidiano do Ensino Médio no Rio Grande do Sul: por entre as dobras do Seminário Integrado* [Doctoral dissertation, Universidade de Caxias do Sul].
- Nascimento, C. G. S. (2019). *Que escola é essa? Narrativas sobre a escola pelos jovens alunos do Ensino Médio* [Master's thesis, Universidade Federal de Alagoas].
- Pais, J. M. (1990). A construção sociológica da juventude—alguns contributos. *Análise social*, 139-165.
- Pellizzer, C. S. R. (2016). *Tempos de diálogo: o olhar dos jovens sobre suas experiências no Ensino Médio integrado do IFRS* [Master's thesis, Universidade de Caxias do Sul].
- Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica* [E-book]. Editora UAB/NTE/UFSM. [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica\\_final.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf)
- Perondi, M. (2013). *Narrativas de jovens: experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas* [Doctoral dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Santos, V. de A. L. dos. (2017). *Juventudes em trânsito: experiências e modos de ver e ser no cotidiano escolar* [Master's thesis, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].
- Schlickmann, V. (2013). *Os sentidos da experiência escolar para jovens do Ensino Médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS* [Doctoral dissertation, Universidade Federal de Santa Maria].
- Severo, R. C. B. S. (2014). *Enquanto a aula acontece... Práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos* [Doctoral dissertation, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Silva, B. H. da. (2021). *Juventude e Ensino Médio: a (re)significação do espaço escolar* [Master's thesis, Universidade Federal de Alfenas].
- Silva, M. I. da. (2019). *Olhares juvenis para as escolas: gaiolas ou asas? Um estudo em Uberaba MG* [Master's thesis, Universidade Federal do Triângulo Mineiro].
- Snyder, H. (2019). Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 104, 333-339.
- Uceda, R. A. (2018). *Juventude contemporânea e novas relações espaço/temporais: concepções dos estudantes do Ensino Médio sobre conhecimento e aprendizagem* [Master's thesis, Universidade do Vale do Rio dos Sinos].